

Condições ambientais do território guarani: implicações no modo de vida

Maria Inês Ladeira*
Leonardo Wera Tupã**

Resumo: O ambiente que compõe o território Guarani apresenta aspectos físicos da paisagem e espécies naturais que implicam um modo de vida definidor das regras de convivência. As constantes ambientais, observadas nos lugares e regiões ocupadas por comunidades Guarani revelam uma permanente criação dos ambientes, que se opera com o repovoamento de espécies vegetais nativas, com a manutenção de cultivos tradicionais e o manejo de fauna, o que promove intercâmbios freqüentes. O comprometimento dos recursos naturais, dada a crítica situação ambiental atual, tem incrementado dinâmicas e estratégias entre os Guarani, necessárias à conservação de seus conhecimentos e práticas. Neste trabalho, características de algumas espécies naturais que fazem parte do acervo cultural Guarani são apresentadas, bem como as diferentes finalidades e modos de usos.

Palavras-chave: modo de vida; território; manejo.

Abstract: The environment of the Guarani territory is composed of physical aspects of the landscape and natural species which imply a "way of life" that defines the rule of family life. The environmental constants, observed in the places and regions occupied by Guarani communities, reveal a permanent creation of environments, which takes place with the repopulating of native vegetable species, with the maintenance of traditional cultivations and with the management of fauna which promotes frequent interchange. The compromised natural resources, given the critical environmental situation at the moment, has increased dynamics and strategies amongst the Guarani, necessary to the conservation of their knowledge and practice. In this study, characteristics of some natural species which make up part of the cultural patrimony of the Guarani, are presented, as well the different purposes and ways of use.

Key words: way of life; territory management, environment.

* CTI – Centro de Trabalho Indigenista

** Liderança Guarani

Este trabalho foi elaborado a partir de três momentos, no ano de 2003. O primeiro, durante a Oficina do Programa Ambiental do CTI – Centro de Trabalho Indigenista, apoiado pela Rainforest Noruega, em junho, na aldeia Rio Branco de Itanhaém (SP), quando foi exposta por representantes das comunidades Guarani do litoral das regiões sul e sudeste, com apoio de imagens de satélite, desenhos e fotos aéreas, a situação ambiental e fundiária de cada aldeia e entorno. O segundo, no curso de formação de professores Guarani, realizado em novembro, em Santa Catarina, pelas Secretarias de Educação de SC, RS, RJ e ES, no módulo “Território e Meio Ambiente Guarani”. Nesta ocasião, surgiu a idéia de uma apresentação conjunta sobre o tema na V RAM – Reunião de Antropologia do Mercosul, no GT “Memória e Imaginário Guarani: Mito, História e Territorialidade”. O terceiro, logo após a exposição na V RAM, em dezembro, em Florianópolis, na UFSC, quando ficou definido o conteúdo do texto. Este texto foi composto de conversas gravadas entre os autores, anotações e comentários feitos durante esses momentos.

As relações das sociedades indígenas com seu ambiente natural são parte intrínseca de uma representação de mundo que integra o uso da ‘natureza’, o modo de vida e a teoria que embasa a vida social. A partir desse conjunto dinâmico que reúne formulações herdadas e projetadas, onde mito e práxis se referendam mutuamente, essas sociedades constroem continuamente o mundo e suas representações.¹

A importância do litoral sudeste e sul para os Guarani

Quando os portugueses chegaram os Guarani já estavam aqui no litoral, mas só que quando eles chegaram, os Guarani sabiam qual região que ia demorar mais para o branco explorar, que é o centro da terra. Quer dizer o centro dessa terra que é a região do Paraguai e Argentina. E como eles previam a maldade, a maldição essas coisas todas, aí então os mais velhos falavam: ‘está na hora da gente sair daqui’. E foi por isso que aconteceu a primeira caminhada, quer dizer, a caminhada que não era realizada através da religião. Quando os brancos chegaram os Guarani fizeram essa caminhada, fugindo para o interior, devido a invasão.

E nesse tempo também tinham outros índios, os Tupinambá, por exemplo. Eles eram mais guerreiros, eles não se entregavam. Esses povos guerreiros eram chamados pelos Guarani de *Jekupe*. Os Guarani não falam sobre isso, mas agora que já foram estudados, acho que se pode falar. Então, os Guarani chamavam eles de *Jekupe*, que significa uma espécie de guardião, de guarda-costas. Então esses *Jekupe* tupinambá, eram os guarda-costas dos Guarani, por isso os Guarani respeitavam

muito eles. E haviam vários nomes que os Guarani davam para esses povos vizinhos. Os brancos falavam que eram Tupinambá, mas para nós tinham outros nomes esses povos vizinhos no litoral. E eles defendiam os Guarani, os Guarani não eram de luta, eram de paz, eram a religião que eles cultivavam - Nhanderu e toda a natureza".²

No tempo da conquista, muitos Guarani saíram do litoral, mas várias aldeias ficaram e muitas pessoas foram mortas e famílias exterminadas. Mesmo assim, alguns conseguiram se esconder. Para o Guarani as matas eram "sagradas" porque, no entendimento Guarani, todas as coisas que precisavam para viver foram criadas por Nhanderu, e isso significa que todas essas coisas são especiais: árvores, frutas, água, terra, e tudo teria que ser respeitado.

No litoral, era onde encontravam mais espécies de frutas e, talvez, o próprio ambiente, a própria mata concentrassem "coisas" espirituais, no litoral, perto do mar, o que fez com que os Guarani sempre procurassem viver perto do mar. E, por isso os Guarani estão sempre vindo e permanecendo, quer dizer, eles estão de novo repovoando o que era dos seus antepassados, porque na visão e no sonho dos pajés são mostrados lugares onde, no passado, já tinham vivido os grandes pajés (*xe ramói* – meus avós).

Desde antigamente, os Guarani que permaneceram no litoral quando os primeiros brancos chegaram, tiveram que viver escondidos, não se mostravam. O Guarani tem estratégias, o Guarani se faz, ele é um "ator". Só agora se mostraram aos brancos que estão admirando o fato dos Guarani terem seu idioma próprio e guardar muitos costumes e conhecimentos que fazem parte da tradição. Antes os Guarani eram vistos e criticados assim: "eles usam sapatos, tênis, camisa, eles estão integrados". Mas só que eram os próprios Guarani que queriam que os brancos pensassem assim, que eles não existiam, para deixá-los em paz. E foi essa estratégia que fez com que os Guarani mantivessem uma forte tradição e seus costumes próprios.

É preciso manter e dinamizar a cultura para dialogar com outros saberes

A preservação da cultura está relacionada com o ambiente da região, com o "habitat natural" do povo Guarani, mas isso não significa só a sua relação com a biodiversidade. Aqueles que não fazem parte da cultura Guarani não conseguem enxergar e não podem dar muito valor

para as coisas que os Guarani dão, como alguns tipos específicos de plantas, de frutas, e a própria caça da mata que tem seus próprios rituais, demandam o respeito por sua própria condição.

Temas como biogenética, que os brancos estão estudando para saber causas de doenças (supondo que, por exemplo no caso do câncer, em que pessoas de uma família têm possibilidade de ter câncer, porque pessoas da geração anterior da família já tiveram essa doença), também preocupam ao Guarani. Através de sua própria ciência, os Guarani mais velhos e sábios já possuíam esse entendimento. Quando os antigos falam que uma determinada fruta não serve para as crianças, e que só pode ser consumida depois que a pessoa tiver dois ou três filhos, eles estavam prevendo exatamente isso, que talvez a substância daquela fruta pudesse provocar algum efeito na pessoa e nos seus filhos. E é assim também com a carne. Algumas carnes não podem ser consumidas pelos mais jovens, só devem ser consumidas pelos mais velhos, enquanto há outras carnes cujo consumo só é bom para os mais jovens. Assim, por exemplo, a carne de saracura. Se a saracura escuta algum leve ruído, algum barulhinho, já se espanta e fica totalmente apavorada. Por isso, os mais velhos falam que essa ave não pode ser consumida pelos jovens, porque se o jovem consumir muito dessa carne ele poderá ficar com o coração bem fraco, e ter uma doença precoce. Desse modo, chegamos à conclusão que os *gens* daquele animal é que o fazem se apavorar com qualquer coisinha à toa, então, se o homem o consome, esse medo também pode passar para ele. Assim, o que a ciência dos brancos está estudando agora, os índios mais velhos já haviam estudado, porque já tinham essa preocupação.

Para os brancos a ciência é tão importante porque a saúde é tão importante, e assim o remédio é também tão importante, sendo preciso criar e dar vacinas, injeções, fazer consultas médicas, etc... Da mesma forma, os Guarani, principalmente os mais velhos, se preocupam, porque em muitos casos são precisos tratamentos especiais, sendo necessário buscar o remédio específico para determinada doença, mesmo que não seja encontrado naquela região. É preciso, então, que alguém vá buscar para poder equilibrar a pessoa. Assim, os Guarani têm o mesmo crédito nos seus próprios tratamentos de saúde, que o homem branco tem na sua ciência.

O grande desafio que, cada vez mais, se coloca é: como adequar o modo de vida e a utilização do conhecimento Guarani às condições ambientais atuais de suas aldeias e entorno, considerando que, numa mesma região, os Guarani não têm tudo aquilo que é necessário. Essa é uma questão que eles vêm procurando equacionar.

Algumas espécies naturais privilegiadas pelos Guarani

Antigamente, em todas as regiões havia mais plantas e animais, pois os Guarani formavam mais aldeias e sua população era muito grande (cerca de dois milhões de pessoas pelo menos) e, em cada região, encontravam e produziam quase tudo de que precisavam. Hoje em dia, cada região conserva uma vegetação diferente em relação a quantidades e espécies de frutos, madeiras, raízes.

No sul, existem umas frutas chamadas *aguai* e *guavira* (guabiroba) que conêm uma vitamina muito importante para o crescimento das crianças. Por esse motivo, os antigos davam muito dessa fruta para as crianças crescerem saudáveis, terem força e musculatura. A semente de *aguai* também é um remédio bom para curar bronquite, tosse e garganta inflamada. E, segundo as histórias, em todas as regiões havia essa fruta, embora aparecessem mais em alguns lugares que em outros. Havia, pode-se dizer, um pomar natural, o que não impedia os Guarani de plantarem e cuidarem de seus próprios pomares, porque, como parte da tradição, tiravam as mudas e levavam para os lugares onde já não encontravam mais os frutos. Hoje em dia, *aguai* e *guavira* praticamente só existem nas aldeias do sul, sendo que, no sudeste é mais difícil de encontrar. Também o *pakuri* é uma fruta que se encontra apenas em algumas regiões.

Quanto ao cipó *imbe* (*guembépi*) é também muito importante para os Guarani, pois é usado para amarração, sobretudo na construção de casa de rezas (*opy*), porque os antigos não usavam pregos, não usavam arame, não usavam nenhum material de construção da cidade para amarração, então o cipó *imbe* fazia parte da construção da *opy* (casa de rezas). É uma espécie “sagrada” não por ser cipó, não por ser simplesmente cipó, mas, sobretudo, por seu uso, por ser considerado especial e próprio para fazer a *opy*. O cipó *imbe* existe mais na mata das aldeias do sudeste, enquanto no sul há muito pouco, sendo por isso que, na própria confecção de artesanato, a amarração da maioria das peças é feita de barbante, de nylon, com materiais da cidade, conseqüência da escassez do cipó, atualmente.

Entre os tipos de *pindo* (palmeira), o *pindovy* (jerivá) ainda existe em toda a parte, em todas as regiões, sendo em algumas mais abundantes que em outras. Considerada uma árvore sagrada para os Guarani o *pindovy* existe desde que a terra foi criada. Nas aldeias onde há poucas plantas, praticamente os Guarani já não as utilizam mais e as deixam simplesmente como ornamental, para não acabar, para poder ficar ali,

para poder lembrar, para as crianças verem, para contar história. Mas nas regiões onde ainda há bastante, então as folhas são usadas para a cobertura das casas, para fazer também esteiras onde sentam e até mesmo dormem, pois a cama tradicional dos Guarani é feita de madeira (*jirau*) e, por cima, são colocadas as folhas do *pindo* trançadas. A frutinha do *pindovy* chama-se *vapytã*, é muito saborosa, e dela pode ser feito um tipo de vitamina, um suco. Primeiro, as frutas são colocadas no sol, depois no pilão onde são socadas e, quando estiverem bem amassadas, são retiradas do pilão e colocadas no sol novamente. Depois de duas a três horas no sol, são recolhidas e misturadas com um pouco de água, transformando-se em um suco muito saboroso.

Já o *pindoi*, é uma palmeira que não tem tronco, só um caule fino e raiz (da família da guaricanga). Praticamente só existe nas aldeias do Espírito Santo, onde é muito utilizada pelos Guarani para construção de casa de rezas (*opy*). É encontrada, também, em menor quantidade, no Rio de Janeiro, mas os Guarani já quase não a usam, ou o fazem com moderação, porque são raras. Nas aldeias de outras regiões não são muito encontradas.

Yary é o cedro, e faz parte da mitologia Guarani, desde o princípio. É uma árvore sagrada, da qual os Guarani confeccionam instrumentos musicais, como violão e violino, e é também usado na construção de casa de rezas e também para fazer o *apyka* (usada dentro da casa de rezas para assentar a energia e o espírito dos *Nhanderu* – nossos pais, divinos). A casca do *yary* é um remédio para o corpo físico e espiritual. Quando a pessoa tem uma doença grave, só depois de tomar banho com essa casca é que o pajé (*yvyraija*) executa os rituais de cura. Desse modo, a cura é facilitada, porque o banho com a casca já tirou um pouco do peso da doença. Esse um grande remédio (*poãguaxu*), purifica o corpo todo e não é específico para um só tipo de doença, mas para corpo da pessoa em geral.

Os mais velhos contam que, antigamente, havia mais condições de terem todas as espécies que necessitavam. Entre as espécies vegetais privilegiadas pelos Guarani estão: *pakuri*, *pindo*, *pindoi*, *yva*, *kurupikay*, *yary*, *takuai*. Entre os animais: *koxi*, *mbore* (anta), *jaixa* (paca), *xivi* (onça), *jaku*, *maino* (colibri), *parakau* (papagaio).

Hoje, existem animais que, na realidade, algumas crianças Guarani e até mesmo adultos jovens de 20, 25 anos nunca viram. Entre os Guarani mais novos, muitos nunca chegaram a conhecer, animais como queixada (*koxi*), cateto, anta (*mbore*), paca (*jaixa*), veado (*guaxu*), porque

já não são mais encontrados nas matas. Isso acontece por causa da extinção das próprias matas. No sul, só os mais velhos lembram que, a 30 ou 40 anos atrás, eles caçavam e encontravam queixada (*koxi*). Porém, hoje, ficou só a história.

Entre os “animais” mais presentes atualmente nas matas do território Guarani está o tatu, o sabiá, e também o *kykyi* (tico-tico). O *kykyi* parece um canarinho, só que não é amarelo, não é verde, não tem tracinhos diferentes, mas é da “família” do canarinho. O *kykyi* também tem sua história, sendo por isso um passarinho importante. Parece que está em todas as partes, sempre é encontrado e, por isso, quando perguntam sobre as coisas que existem numa aldeia com pouco recursos naturais, os Guarani brincam respondendo: “lá na aldeia tem *kykyi*” e caem na risada, porque *kykyi* está em toda a parte.

Para conservar o mundo, a cultura e os conhecimentos é preciso caminhar

O deslocamento dos Guarani, entre as aldeias próximas e entre as de diferentes regiões se relaciona com a dinâmica social e com a “tradição” que cada família do povo Guarani precisa manter, não só para ter respeitada a sua cultura pelos outros, mas também pelo significado e pelo valor próprio de sua cultura. Nesse sentido há uma grande preocupação com a educação das crianças, porque elas precisam conhecer determinados animais, determinadas árvores, determinados plantios e sementes próprias dos Guarani, para aprenderem a fazer as coisas na prática, para não ficarem só na teoria dos ensinamentos. Portanto, isso também faz o Guarani viajar e sair de uma aldeia para outra em busca de espécies naturais e de conhecimentos. Essa movimentação pelo território acontece mais frequentemente entre aldeias do sudeste e sul, mas também da Argentina e do Paraguai, pois todos querem visitar outras regiões para aprender sobre as diversas espécies.

A dinâmica entre as aldeias Guarani ocorre também em função da busca de madeiras, plantas e mudas para reproduzir, por meio do plantio quando possível, ou mesmo só para usos específicos ou rituais. Assim, os *yary* (cedro) plantados pelos Guarani em aldeias onde não havia essa espécie, começam a se espalhar. Certa vez, quando nas aldeias do Espírito Santo e proximidades não havia *yari*, nem *aguai*, os Guarani pediram a seus parentes do sul que levassem de Santa Catarina mudas de *yary* e sementes de *aguai*.

Apenas em alguns lugares, em algumas aldeias no litoral, na Mata Atlântica, ainda existem anta, paca, cateto. Esse fato leva as pessoas a se moverem, sobretudo os mais jovens. Ouve-se muito os jovens falarem: “eu vou lá naquele lugar, naquela aldeia, para conhecer, para ver, porque só escutei na história, agora eu quero conhecer”. Desse modo, um vai, outro vem, porque todos querem conhecer a realidade e como vivem as famílias nas diversas aldeias.

Com relação aos animais, hoje em dia está cada vez mais difícil poder levar de um lugar a outro para reproduzir, mais do que com as plantas. As plantas podem ser levadas em mudas e serem plantadas onde não têm. Já com os “bichinhos”, com os animais, a reprodução depende da existência da própria mata e como algumas aldeias nem mata têm, fica impossível para os animais se reproduzirem.

Atualmente um dos grandes motivos dos Guarani se locomoverem é a busca por lugares com água boa (*yy porã*) para viverem. Se, até não muito tempo atrás, a abundância de água era uma qualidade de todos os lugares, hoje, o comprometimento dos rios e a situação de confinamento das aldeias, faz com que a água, agora escassa, seja um dos bens mais cobiçados pelos Guarani. Nas aldeias do Espírito Santo não tem rio, assim como outras que só têm acesso à água encanada. No Rio Grande do Sul algumas aldeias também passam necessidade por falta de rios. Nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro algumas aldeias ainda possuem rios limpos.

Como vimos, nos dias de hoje, apesar de os Guarani viajarem frequentemente por vários fatores gerados das relações com as instituições dos brancos, a ausência de recursos naturais necessários também vem intensificando sua movimentação.

Também podem ocorrer visitas às demais aldeias para levar ou conseguir sementes, aprender a fazer alguns alimentos gerados pela agricultura e com interesse em conhecer e experimentar algumas carnes de caça ou de peixes, dos quais sentem necessidade na alimentação. Há aldeias onde muitos já não conhecem mais *mbojape*, *kaguyjy* (pão feito com milho, bebida fermentada), várias comidas e bebidas. Também a própria música, em algumas aldeias, são pouco cultivadas, o que pode levar as pessoas a se moverem, a irem para outras aldeias em busca de sua aprendizagem³.

O intercâmbio de conhecimentos, a possibilidade de viver experiências diversas dentro da própria cultura, trazem muita satisfação pessoal, como a experiência relatada pelo autor (Leonardo):

“O meu avô sempre falava que os Guarani conheciam um tipo de cipó que matava os peixes, o *ximbo*, e que os Guarani tinham, então, esse jeito de pescar, e não usavam o anzol, não usavam a rede, não usavam nada, só usavam esse cipó. Aí, então, pegavam um monte de peixe, e eu pensava assim: ‘puxa será que isso é verdade, será que um cipó pode matar, pode?’. E aí eu pensei assim: ‘eu acho que o cipó pode matar, mas é uns 3, 4 peixes’, eu pensava que não era eficiente e, aí, eu já estava mais pensando a nível de tecnologia dos brancos, porque os brancos tem essa coisa de fazer as coisas tudo certinho, então eu pensei assim: ‘será que isso funciona mesmo?’. E aí um dia, depois de um tempo, eu tive a oportunidade de ir para a aldeia que ficava em Santa Catarina, mas também na Argentina, ali na divisa, onde então é Pipiriguaçu. Na época era tudo mato mesmo, e onde, então, eu fiquei um ano, e onde, eles caçavam e iam pescar também. E um dia eles me convidaram para gente pescar, e aí então, a gente foi, eu acompanhei e eles diziam que iam pegar esse cipó, o *ximbo*, aí eles falavam mesmo era “*ximbo nhambota*” (vamos bater o timbó) quer dizer, antes de jogar na água para matar o peixe, eles esfregavam o cipó e batiam na pedra para poder sair o líquido que pode fazer efeito para o peixe. E aí, então, eu tive a oportunidade de acompanhar e também de fazer isso (nossa! foi tão legal). E isso eles fizeram acontecer a tarde, então, eles pegavam taquara e pegavam pedra para poder fazer um tipo de barragem para o peixe parar ali, ficar ali. E aí, de manhã cedo, então, acordamos e eu vi aquele monte de peixe: *nhundia* (bagre), cará, todos aqueles tipos de peixe. Aí que eu vi que, nossa!, realmente funcionava. Ali na aldeia tinha, então, uma população de 150 pessoas, quase 200 pessoas e, de manhã cedo, então, esse pessoal todo, já chegaram lá com cestos e bolsas, sacola e tudo, para levar peixe, aí todo mundo veio e todo mundo voltou com peixe, porque era muito peixe. Poucas pessoas não agüentariam levar tudo.

Assim como a palavra “nômade” foi atribuída aos Guarani, o sentido da palavra “mobilidade” é também novo para os Guarani e também foi criado pelos brancos. Antigamente os Guarani andavam à vontade, porque havia espaço para eles. Desse modo, não se usava a palavra mobilidade. “Mobilidade” é, assim, uma palavra nova. Antes dos brancos chegarem, não existiam municípios, nem estados ou países. E, em todos esses lugares se encontravam aldeias Guarani e eles andavam à vontade (sem ninguém dizer nada), porque estavam no seu território, no seu próprio mundo. Da mesma forma, nos dias de hoje, uma pessoa (Guarani) pode estar em Florianópolis e depois de alguns dias em São Paulo ou Paraná, e pode-se dizer que está no mesmo lugar, num só território. Só que isso não é compreendido pelos brancos.

Estratégias de conservação dos Guarani e interferências atuais

A escassez ou ausência de recursos essenciais para a qualidade e o modo de vida Guarani vem colocando algumas questões que têm exigido muita reflexão, sobretudo dos mais velhos, e que, como dizem, merecem maior atenção. Pois essa movimentação pelo território, essas viagens às aldeias para conhecer a cultura e ver as espécies que têm na terra, no mundo terreno (*yvy vai*), e as coisas que estão acabando em alguns lugares bem como a necessidade de conhecer os lugares que ainda as têm, tudo isso impõe, por sua vez, diferentes entendimentos e estratégias relacionadas à reprodução. Por exemplo, as “coisas” especiais criadas por Nhanderu podem ser reproduzidas com a participação das pessoas (na sua condição humana), ou unicamente por si próprias através de Nhanderu (criador)? Nesse caso, as precárias condições ambientais e a escassez de recursos naturais, na maioria das aldeias, pode levar uma maior dedicação da comunidade à espiritualidade, para que alguma orientação (de ordem divina), sobre esperar ou partir, seja revelada. Por outro lado, e em geral onde e quando o ambiente é propício, as ações puramente humanas intervêm naturalmente nesse processo e a busca e o plantio de mudas e sementes para melhorar o ambiente são estimulados internamente, assim como o desejo de contribuir na reprodução dos animais, para a edificação de uma terra, de um mundo à imagem das criações originais, na tentativa de que, talvez, para as futuras gerações essas ações se tornem, através da história, tão originais quanto à dos antepassados são hoje.

Essas questões vem sendo discutidas mas não tão freqüentemente porque, como dizem, surgem coisas emergenciais, solicitações dos brancos e fatores que, talvez, desviem um pouco a atenção ou interfiram na autonomia dos Guarani de exercerem suas próprias táticas. Há, ainda, interferências que afetam diretamente as estratégias dos Guarani com relação à conservação ambiental e cultural.

Os Guarani estão fazendo o possível para manter o que ainda existe, chegaram ao ponto de o próprio cacique falar para não caçarem, para preservarem os animais em escassez. As contradições são tantas que, às vezes, até os próprios brancos chegam e perguntam “porque que vocês não caçam mais, porque vocês não fazem mais isso e aquilo?”. E podem até pensar que os índios estão abandonando seus costumes. A verdade é que essa discussão existe e, no entanto, são os mais velhos que falam para não caçar, porque se todos caçarem naquela mata, geralmente onde tem aldeia tem alguma mata, mesmo que pequena, não es-

tarão deixando que os animais se reproduzam por si mesmos.

Mesmo que os Guarani (na condição humana) possam ajudar diretamente na reprodução e no repovoamento das matas pelos animais, isso é discutido, mas não o suficiente, porque existe a preocupação com as ações dos próprios brancos. As instituições dos brancos intervêm e restringem as ações dos índios, o próprio IBAMA não permite aos Guarani pegarem os animais, removerem de um lugar a outro e isso os leva a ficarem mais resguardados, porque preferem não entrar em conflito. No fundo, pensam sobre tudo isso que acontece, mas sabem que não podem simplesmente enfrentar. Às vezes, algumas famílias pegam um casalzinho de *parakau* (papagaio) ou de outras aves para levar e recriar em outra aldeia que não tem, e esse cuidado ou controle da reprodução das espécies (que o *jurua*/branco chama de manejo), hoje, está muito difícil de fazer, principalmente com os animais.

As intervenções dos brancos atrapalham muitas vezes. Assim, uma das coisas que se observa também, é que está havendo, psicologicamente para os Guarani, um sofrimento muito grande. Com suas proibições aos índios, às vezes os brancos pensam que estão ajudando a natureza, que a estão preservando. Mas só que os índios, muitas vezes, são mentalmente atingidos por muitas contradições, pois a política do homem branco atinge diretamente a tradição, o costume, tudo aquilo sobre o que o índio mais entende.

Além de intervir diretamente nas ações dos índios, os brancos também acabam interferindo no próprio cotidiano das aldeias, porque solicitam muito a participação dos jovens nas suas próprias políticas, e assim não sobra tempo de os Guarani trabalharem e redefinirem suas próprias estratégias ou de reforçarem sua política interna. De toda forma, os Guarani têm consciência do que está acontecendo, como os mais velhos falam: “você têm que ficar mais na aldeia, você não podem sair muito...” e isso tudo é a consciência que fala, porque eles sabem que se o jovem sair muito da aldeia, aos poucos pode ir deixando o seu costume de lado. Não se trata de dizer que os Guarani são racistas, preconceituosos, não é por isso que não querem que os jovens saiam para a cidade. Trata-se de uma grande preocupação mesmo. Comparando, é como um branco que mora perto de uma estrada, ou numa cidade grande e fala para o filho: “olha, você não pode sair muito na rua”. Ele só diz isso, mas isso significa a preocupação que tem, porque está sabendo que há carros, que pessoas estranhas e nunca se sabe o que vai acontecer. Do mesmo modo, os Guarani, os mais velhos, falam: “não saiam muito da al-

deia, vocês têm que ficar mais na aldeia, vocês têm que prestar mais atenção na nossa cultura, vocês têm que fazer as nossas coisas, vocês têm que tentar fazer as coisas que fazem parte da nossa tradição, do nosso conhecimento, para não deixarem morrer, porque um dia seus filhos vão precisar, porque o mundo gira e um dia então esse conhecimento Guarani, será muito útil”. Assim essa preocupação que eles têm vem de uma consciência muito grande.

Respeitar, reconhecer, valorizar, ajudar realmente a manter a cultura Guarani seria importante. Se pensarmos que todos os Guarani tinham esse contato com os animais, e isso faz parte da tradição, então, ajudar é dar condições para que isso aconteça de novo, para que existam animais em todos os lugares. É preciso que os brancos se ocupem em reflorestar e não em desmatar mais. Mas, parece que os brancos não pensam assim com relação aos índios. Pensam que é mais importante ensinar o índio a ler e a escrever, ou levá-lo para a cidade, fazer reuniões, ou tentar ensinar alguma coisa como construir casas, conhecer as máquinas, essas coisas que para os brancos significam progresso. Portanto, são poucos os que pensam em apoiar as comunidades em coisas que podem trazer conhecimento dentro da própria cultura do povo indígena. Em cada aldeia, muitas demandas dos índios poderiam ser apoiadas. Como exemplo, na medicina, reconhecer o sistema apoiando as visitas dos curadores, as viagens para buscar remédios e o uso da medicina tradicional dentro das aldeias. A prática disso, os índios têm que fazer por eles mesmos. Mas os brancos poderiam simplesmente colaborar, incentivar com recursos, sem motivos políticos. Afinal, todos sabem que em uma única aldeia pode haver, às vezes, dez ou vinte projetos, mas quase todos vêm de fora, e são pensados também de fora, na perspectiva do homem branco, como ele sabe e pode pensar.

Conclusão

Este trabalho não pretendeu desvendar o conhecimento dos Guarani sobre o mundo mas apontar para algumas questões muito atuais, importantes, que estão interferindo na sua dinâmica de conservação do conhecimento, no seu modo de ser e de viver. A situação do mundo atual, as relações de contato entre índios e brancos, as políticas que intervêm na política e na dinâmica própria dos Guarani, é que precisam ser repensadas. É essa a intenção, fazer um alerta porque respeitar o conhecimento indígena não significa simplesmente se apropriar dele. É

preciso respeitar, embora desconhecendo, e valorizar para que os Guarani possam conservar esse conhecimento como um saber também para o seu próprio futuro. Para os Guarani, falar de sua cultura, do conhecimento, é como se fosse um jogo porque, às vezes, quando estão falando estão ao mesmo tempo pensando em como e o que pode ser traduzido, porque os Guarani têm o conceito de que muitas coisas não se explicam, têm sentido muito profundo e diferente dos conceitos da sociedade dos brancos. E, assim, vão explicando aquilo que acham que pode ser útil ou que as pessoas que não fazem parte da cultura e da sociedade Guarani possam compreender. Entre eles também fica um certo medo e a dúvida de que, se ao tentar contar tudo não forem compreendidos, isso possa trazer maiores dificuldades para os Guarani. Então, sempre fica um detalhe guardado, mas procuram explicar aquilo que pode ser compreendido.

Avete, agradecidos.

Notas:

¹ LADEIRA, Maria Inês. Espaço geográfico Guarani-Mbya: significado, constituição e uso. 2001. Tese (Doutorado) - Departamento de Geografia, FFLCH/USP, São Paulo.

² Leonardo Wera Tupã, depoimento, 2003. As palavras em guarani, embora não estejam acentuadas, devem ser lidas como oxítonas.

³ Leonardo Wera Tupã já andou bastante no sul, no sudeste, viveu em várias aldeias para ver no lugar as coisas sobre as quais ouvia dizer: "algumas aldeias marcaram muito para mim porque eu conheci, eu conheci coisas que o meu avô falava, que o meu avô contava na história, isso para mim foi muito gratificante".

